





# O FIM DE 31 ANOS DE SOFRIMENTO

Depois que quatro pessoas de sua família foram assassinadas, Charlie Otero passou de bom aluno a marginal paranoico.

POR KENNETH MILLER

**C**Charlie Otero voltava para casa da escola, sob o céu claro de inverno, quase exultante com seu futuro. Tirara nota máxima na prova de Biologia e começava a fazer amigos naquela nova cidade. Charlie sempre fora aluno nota 10, bom atleta, extrovertido e popular. Mas, alguns meses antes, a família se mudara do Panamá para Wichita, no Estado americano do Kansas, e desde então ele se sentia meio deslocado. Mas agora tudo parecia melhorar.

**OTERO EM  
ALBUQUERQUE:  
“ELE NÃO ME  
MATOU. NÃO  
MATOU MEU  
CORAÇÃO.”**



**AS PRIMEIRAS VÍTIMAS DO ASSASSINO: JOSEPH E JULIE OTERO.**

Aos 15 anos, Charlie pretendia, após terminar o ensino médio, ir para a Universidade Estadual de Wichita; depois, poderia seguir os passos do pai, primeiro-sargento da Força Aérea, recentemente reformado. Ansiava por

a volta até os fundos, e o cachorro da família correu até ele pela neve. *Lucky*, um mestiço de pastor alemão com hábito de morder estranhos, nunca ficava sozinho do lado de fora. O menino entrou na cozinha e viu um

## “PERDI A FÉ NO INSTANTE EM QUE VI

distinguir-se como oficial, pilotando jatos e enchendo o peito de medalhas.

“Meu pai esperava muito de mim”, diz Charlie. “Queria mostrar a ele do que eu era capaz.”

Naquele dia de janeiro de 1974, ele atravessou a rua do subúrbio até a casinha branca da família e viu que a porta da garagem estava aberta e que o carro da mãe não se encontrava lá. Ela costumava estar em casa para recebê-lo depois da escola. Charlie deu

sanduíche de manteiga de amendoim inacabado sobre a mesa, ao lado de uma merendeira vazia. Depois, viu a carteira do pai jogada no fogão, o conteúdo espalhado ali em cima.

O irmão Danny, de 14 anos, e a irmã Carmen, 13, tinham chegado da escola minutos antes. De repente, Charlie ouviu Carmen gritar:

– Venha depressa! Mamãe e papai estão fazendo uma brincadeira muito esquisita!

Pela porta do quarto dos pais, Charlie viu o pai, Joseph, 38 anos, caído no tapete ao lado da cama. Fora estrangulado com um cinto, e seu rosto estava grotesco e inchado. A mãe de Charlie, Julie, 34 anos, estava na cama; havia um pedaço da corda do varal amarrada em seu pescoço. Ambos tinham os pulsos e os tornozelos atados com uma cordinha fina.

– O que vocês fizeram? – perguntou Charlie, chorando.

O telefone estava mudo, e Danny foi até o vizinho, que chamou a polícia. Quando o carro da polícia chegou, três dos cinco filhos da família Otero choravam no jardim da frente. Charlie contou aos policiais o que vira lá dentro, acrescentando que mais dois irmãos, Josephine (Josie), 11 anos, e Joseph Jr. (Joey), 9, ainda estavam na escola. Mas a busca na casa encontrou as crianças que faltavam. Joey fora asfixiado com um saco plástico no quarto. O corpo meio despido de Josie estava pendurado num cano do porão.

## “MINHA MÃE CAÍDA”, DISSE CHARLIE.

“Odiei Deus por deixar que aquilo acontecesse com a minha família”, diz Charlie, que já fora coroinha. “Perdi a fé no instante em que vi minha mãe ali, caída.”

**A morte dos Oteros** deixou perplexas as autoridades de Wichita, mas Charlie suspeitou que a carreira militar do pai o tivesse levado a fazer algum trabalho clandestino e agarrou-se à ideia de que os assassinatos es-

tavam ligados à vida dupla de Joseph. Porto-riquenho que imigrara para Nova York, assim como a esposa, Joseph entrara para a Força Aérea dos Estados Unidos em 1952 e vestira a farda durante mais de duas décadas. A família mudou-se da base na Inglaterra, onde Charlie nasceu, para Camden, Nova Jersey, e depois, cada vez com mais filhos, passaram sete anos no Panamá.

Lá, na Academia Interamericana das Forças Aéreas, Joseph ensinava militares da América Latina a consertar caças Phantom e cargueiros C-130. Charlie diz que o pai costumava desaparecer durante várias semanas em missões que se recusava a comentar.

Em Wichita, Joseph se reformou e arranjou emprego como mecânico de aviões particulares num campo de pouso. Certo dia, recorda-se Charlie, quando um técnico apareceu sem avisar, seu pai mandou-o verificar se havia algum caminhão da companhia telefônica estacionado lá fora.

Outra vez, Joseph enxotou Charlie da sala para dar um telefonema. Escutando atrás da porta, o menino ouviu-o mencionar serviços para o Escritório de Investigações Especiais da Força Aérea, agência de contraespionagem da Aeronáutica. Pouco tempo depois, o carro de Joseph foi misteriosamente jogado para fora da estrada. Quando voltou do hospital, com duas costelas quebradas, ele deu a Charlie seu anel de sinete.

“Se alguma coisa me acontecer”, pediu, “quero que fique com isto.”

“Eu lhe disse que o mais provável era que vivesse mais do que eu”, recorda Charlie. “Ele me mandou guardá-lo.” Dias depois, Joseph, a mulher e os filhos mais novos estavam mortos.

**Charlie e os irmãos** sobreviventes foram morar em Albuquerque, no Novo México, com um colega do pai, da Força Aérea, que se ofereceu para criá-los junto de seus seis filhos. Mas não demorou para que Charlie se afastasse dos irmãos e da nova família. Começou a ficar obcecado com a teoria de que os pais e os irmãos tinham sido mortos por uma equipe de assassinos do trabalho de espionagem do pai, e que voltariam para terminar o serviço.

“Sempre achei que alguém viria me pegar”, diz ele.

## BTK SABIA DETALHES DOS CRIMES QUE

Em Wichita, os investigadores examinaram várias possibilidades de conspiração. “Tentamos seguir as pistas na direção do serviço militar de Joseph”, diz Gary Caldwell, um dos primeiros detetives a trabalhar no caso. “Chegamos a mandar dois investigadores ao Panamá.” Nada conseguiram.

Temendo por sua vida e pela dos irmãos, Charlie se afastou de todos, negligenciou a escola e passou a ocupar a maior parte do tempo com corridas de moto. Depois de terminar o ensino médio, conseguiu entrar na Universidade do Novo México, mas

as recordações e os pesadelos da cena do crime tornavam difícil sua concentração nos estudos.

Charlie, então, se mudou para Las Cruces, onde uma concessionária Honda o contratou como mecânico. Depois de ferido num acidente de trânsito, acabou brigando com o hospital por causa das contas não pagas. Quando o juiz decidiu contra ele, diz Charlie, “virei fora da lei”.

Largou o emprego e passou a trabalhar como autônomo, remontando motocicletas Harley-Davidson, vendendo armas portáteis e criando *pit bulls* e *dobermanns* para clientes que não faziam questão de lhe pedir documentos. Imaginou que, sem um rastro documental, seria mais difícil que o esquadrão da morte o encontrasse. Começou a beber demais e a usar drogas, e se perdeu em meio a ideias cada vez mais conflituosas.

Em 1987, morava com a namorada, Lynette Shafer, num lugar distante do deserto do Novo México. Sua casa era um barraco feito de contêineres vindos de uma base de mísseis próxima, cercada de arame farpado e guardada por cães ferozes.

Quando Lynette anunciou que estava grávida, Charlie mandou-a de volta para casa, no Wisconsin, para ter o bebê, que ela chamou de Joseph, como o pai e o irmão de Charlie. Semanas depois, o casal parou de se comunicar. Ambos acreditavam que os possíveis assassinos poderiam atingir o bebê tam-

bém, e que poderiam interceptar cartas e telefonemas.

**Com o tempo,** Charlie começou a namorar com uma outra mulher e tornou-se pai de duas meninas.

“Eu as adorava”, diz ele. “Íamos ao parque com os cachorros. Eu as levava para passear de motocicleta.”

Mas nem Charlie, então com 30 e poucos anos, nem a mãe das meninas, que ainda não chegara aos 20, tinham condições de criá-las direito. Quando as duas completaram 4 e 5 anos, o casal se separou. Charlie tentou manter contato, mas ficou difícil depois que se casou com uma terceira mulher, que sofria de transtorno bipolar e tomava metanfetamina.

Então aconteceu algo que mudaria a vida de Charlie outra vez. Ele foi testemunha num processo aberto pela esposa. Ao fazer a verificação de rotina

Otero, prometendo atacar de novo. E atacou. Nos 12 anos seguintes, cometeu pelo menos mais quatro assassinatos na região. As vítimas, todas mulheres, estavam amarradas com nós complicados e tinham sido lentamente estranguladas.

As mensagens subsequentes de BTK aos investigadores assumiram a forma de poesias macabras, charadas e obras de arte pavorosas. Ele sabia detalhes dos assassinatos que a polícia não divulgara. Escreveu que tinha um “monstro” por dentro. Mandou um total de 12 bilhetes, e então, em 1988, toda a correspondência parou. As pistas sumiram.

Charlie ficou aturdido e zangado quando o advogado terminou de contar o que sabia. Os investigadores de Wichita não lhe tinham contado nada quando tudo isso acontecera, 24 anos antes.

## A POLÍCIA NÃO HAVIA DIVULGADO.

do histórico de Charlie, o advogado recebeu os arquivos do assassinato da família Otero. Naquele dia, enquanto almoçavam num restaurante mexicano, ele perguntou a Charlie:

- Já ouviu falar do assassino BTK?
- Não - respondeu Charlie.

O advogado lhe contou que um assassino serial que usava as iniciais BTK - por causa do que fazia com as vítimas, *bind*, *torture* e *kill* em inglês, ou seja, amarrar, torturar e matar - entrara em contato havia muito com um jornal de Wichita e se declarara responsável pela morte da família

“Nesse tipo de investigação, há muita coisa que não revelamos”, diz George Scantlin, detetive aposentado que trabalhou no caso. “As primeiras mensagens foram mantidas em segredo e usadas como pista na investigação.”

Ainda assim, para Charlie, algo não combinava: como uma pessoa sozinha conseguiria subjugar o pai, ex-soldado, a mãe e os irmãos, todos praticantes de judô? “Eu disse que era bobagem e que não acreditava”, recorda Charlie.

Ele ainda não sabia, mas a caçada a BTK acabaria ajudando a transformar-lhe a vida. Naquele momento, entre-

tanto, seus problemas pareciam infindáveis. A mulher de Charlie chamou a polícia depois de uma discussão e acusou-o de tentar estrangulá-la com um cabide. Ele negou, mas, diante da possibilidade de ser julgado por tentativa de homicídio, aceitou a proposta do promotor e confessou-se culpado de agressão corporal. Em outubro de 2001, começou a cumprir a pena de 44 meses de prisão na Penitenciária do Oeste do Novo México.

**Na prisão,** Charlie trabalhou como mecânico e fez cursos de programação de computador e astronomia. Passou centenas de horas refletindo sobre a sua história atormentada e voltou até a frequentar a capela.

“Eu estava indo bem na prisão”, diz ele. “Foi como uma revitalização.”

Charlie passou o trigésimo aniversário da morte da família atrás das grades. Dali a algumas semanas, um dos companheiros de cela chamou-o: “Charlie, sua mãe está na TV!” O noticiário dizia que BTK voltara a se comunicar e mandara uma mensagem em código para o jornal *The Wichita Eagle*. As fotos das vítimas que BTK dizia ter matado apareceram na tela, uma a uma, inclusive as dos pais e irmãos de Charlie. A volta do assassino reacendeu-lhe a fúria; naquele dia, mais tarde, surrou um saco de pancadas da sala de ginástica.

No dia seguinte, Charlie escreveu aos produtores do programa de TV *America's Most Wanted* (Os mais procurados dos Estados Unidos), identificando-se como parente de quatro



**DENNIS RADER FOI CONDENADO EM 2005.**

vítimas de Wichita. Pediram para entrevistá-lo na prisão. Os repórteres de jornais também começaram a telefonar, e uma mulher que o viu na televisão se ofereceu para fazer um *site* na Internet, para que Charlie pudesse responder a perguntas sobre o caso.

Com os holofotes de volta sobre sua família, os antigos pesadelos de Charlie – as imagens do rosto contorcido e do corpo torturado de seus pais e irmãos – voltaram. Mas as horas em que estava acordado lhe davam alguma esperança. Ao romper o silêncio em que se envolvera durante tantos anos, Charlie sonhava provocar o assassino a sair do esconderijo. Achou



### CHARLIE E OS IRMÃOS CARMEN E DANNY COMPARECERAM À CONDENAÇÃO.

que talvez BTK deixasse algum vestígio de DNA na próxima carta.

“Desafiei-o a me procurar quando eu estivesse na equipe de trabalho da prisão, na estrada”, recorda Charlie. “Pensei: *Se ele me atropelar, talvez alguém veja a placa do carro.*”

Nos meses seguintes, BTK mandou mais nove bilhetes e pacotes para os meios de comunicação e a polícia. Dois estavam decorados com selos do correio com temas do Novo México, que Charlie interpretou como direcionados a ele. Mas a comunicação mais espantosa aconteceu em dezembro. Foi um telefonema para Charlie de um menino de 16 anos chamado Joseph.

“Sou o seu filho”, disse a voz ao telefone. “Queria muito conhecê-lo.”

**Charlie saiu da prisão** em 3 de janeiro de 2005 disposto a fazer as pazes com o mundo. A primeira pessoa que visitou foi a irmã Carmen, agora orientadora de crianças em situação de risco em Albuquerque. Pediu-lhe desculpas pelos anos de afastamento, e os dois passaram a tarde conversando como não faziam desde a infância. Depois, telefonou para Danny, que trabalhava como instalador de TV a cabo em Phoenix. A conversa teve o mesmo tom de perdão e prometeram manter contato mais frequente. Ele alugou



um quarto numa pensão não muito distante da casa de Carmen e arranjou emprego como diarista.

No mês seguinte, estava capinando numa obra de paisagismo quando recebeu um telefonema de Carmen. “Eles o pegaram”, disse ela, e a adrenalina de Charlie subiu tanto que ele arrancou alguns arbustos pela raiz.

Dennis Rader, chefe de lobinhos, 59 anos e pai de dois filhos, confessou ter cometido dez assassinatos como o matador BTK. Ele era supervisor de leis de um subúrbio de Wichita e presidente de uma congregação da Igreja Luterana em Cristo. Durante 31 anos, fora impossível achá-lo, até que mandou à polícia uma mensagem num disquete que foi rastreado até o computador da igreja. Para garantir que Rader era o homem certo, os investigadores conseguiram uma amostra de seu DNA. Apresentava grande semelhança com amostras obtidas nos locais dos vários crimes de BTK.

Charlie e os irmãos compareceram ao julgamento de Rader e ouviram-no descrever sem remorsos como atacara a mãe, Julie, e a pequena Josie, planejando torturá-las até a morte depois de se livrar de Joey, e como cortara o cabo telefônico e esperara junto à porta dos fundos a oportunidade de entrar. Rader disse que ficara surpreso ao encontrar Joseph, o pai, em casa naquela manhã, mas estava com uma pistola para manter a situação sob controle.

Durante o depoimento de Rader, Charlie acalmou-se, pensando em todos os que tinham cuidado dele, nos seus familiares que tinha perdido e nas cen-

tenas de estranhos que lhe tinham escrito depois de vê-lo na TV. “Eu queria matá-lo”, diz ele sobre Rader, “mas não queria magoar aquelas pessoas.”

Na hora da sentença, Charlie, Danny e Carmen choraram quando os promotores mostraram as fotos da cena do crime. Logo BTK seria condenado a dez prisões perpétuas. Mas, para Charlie, a sensação de que a situação fora resolvida ainda teria de esperar.

Durante a pausa do almoço, ele recebeu um telefonema de Lynette, a ex-namorada: o filho Joseph, 17 anos, fora atropelado por um carro quando andava de bicicleta perto de casa. Estava em coma, e os médicos não sabiam se sobreviveria.

As regras da liberdade condicional proibiam que Charlie viajasse sem permissão. Ele deu vários telefonemas, discutindo com as autoridades para que o deixassem voar no dia seguinte para o Wisconsin. Mas, antes de deixar uma tragédia para trás e seguir para o que talvez fosse o começo de outra, ele queria falar ao tribunal.

Na manhã seguinte, os familiares das vítimas se pronunciaram. Quando chegou a vez de Charlie, ele se levantou e disse, com voz forte e clara: “Dennis Rader não arruinou minha vida. Ele me fez questionar minha fé, me separou dos meus entes queridos e mudou meu futuro para sempre; mas, apesar do esforço de Dennis Rader para destruir minha família, nós sobrevivemos.”

Carmen também falou, pranteando os que perdera. Depois, os três irmãos se abraçaram e Charlie embarcou num avião para encontrar seu filho.

**Charlie passou uma semana** junto à cabeceira do filho. Disse-lhe o quanto o amava e prometeu levá-lo para caçar e pescar assim que melhorasse. E, embora Joseph não desse sinais de ouvir o pai, não morreu. Acabou saindo do coma três meses depois. A mãe cuidou dele em casa até que recuperasse a saúde. Sempre que podia, Charlie ia do Novo México até lá visitá-lo e telefonava várias vezes por semana.

Hoje com 20 anos, Joseph tem alguns problemas de cognição e de memória por causa do acidente, mas se recuperou o bastante para ter dois empregos em meio expediente. Espera algum dia ir para a faculdade. E adora o pai. “Ele é uma pessoa incrível e carinhosa”, diz. “Conversamos sobre tudo. É maravilhoso saber que ele finalmente está aqui.”

Charlie está decidido a endireitar outros relacionamentos importantes. Está tentando refazer os laços com as duas filhas, hoje adolescentes, que foram entregues ao irmão sob custódia, pouco antes de Charlie ir para a prisão. E encontrou uma companheira protetora em Linda Evans, que com-

pareceu ao julgamento como parte de seu trabalho de ajudar as famílias das vítimas. “Eu o vi desabrochar desde o julgamento”, diz ela. “A raiva se foi.”

O casal mora num *trailer* com dois cachorrinhos, em Albuquerque. Em 2007, passaram a viajar pelo país a fim de filmar o documentário *Feast of the Assumption: The Otero Family murders* (Festa da Assunção: o assassinato da família Otero), dirigido por outro ex-morador de Wichita, Marc Levitz. Charlie agora faz palestras sobre sua história, na esperança de ajudar outras pessoas a encontrar consolo em períodos difíceis.

Ainda acredita que há mais por trás do assassinato da família Otero do que Rader admitiu; na verdade, nunca abandonou inteiramente a teoria da conspiração. Mas, com o assassino trancado para sempre numa cela de segurança máxima, Charlie não sonha mais com a morte. Em vez disso, está ocupadíssimo refazendo a vida.

“Se o Céu existe, desejo que mamãe e papai olhem para cá e se orgulhem”, diz. “Quero que minha família saiba que vou conseguir.”

## ISSO É QUE É EXERCÍCIO

**Minha mulher** está tentando emagrecer e o médico sugeriu que ela caminhasse. Como não sai muito de casa, ela não gostou da ideia. Sugeri que andasse da nossa casa até o ponto de ônibus, sem sucesso. Mas, quando viajei, ela me ligou dizendo que iria caminhar até o tal ponto de ônibus. Fiquei feliz, mas por pouco tempo. O ponto de ônibus havia mudado para a frente da nossa casa! *Salvador Duca, Sorocaba (SP)*

